

Trauma, memória e identidade em *Beloved*, de Toni Morrison/

Trauma, memory and identity in *Beloved*, by Toni Morrison

Jéssica Amanda de Souza Silva*

Bolseira de doutoramento em Literatura (2019) e investigadora em formação (2017) no Centro de Línguas Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro - Portugal.

 <https://orcid.org/0000-0001-8727-8977>

Recebido: 15 abr. 2020. **Aprovado:** 12 mai. 2020.

Como citar este artigo:

SILVA, Jéssica Amanda de Souza. Trauma, memória e identidade em *Beloved*, de Toni Morrison. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 9, n. 2, p. 94-111, jun. 2020.

RESUMO

Resultado de estudos doutorais, este artigo, de natureza bibliográfica, interpretativa e qualitativa, analisa a presença e a configuração da memória – seja individual, seja coletiva – bem como a representação dos traumas e dos processos de perda e (re)encontro de identidade de ex-escravos afro-americanos e seus descendentes, retratados no romance *Beloved* (1987), de autoria da premiada romancista afro-americana Toni Morrison. A análise, ora proposta, debruça-se sobre o estudo das vozes das personagens, especialmente as principais, procedendo a uma associação dos referidos elementos – memória e identidade – às narrativas, de cunho testemunhal, que ligam o passado e o presente dessas personagens, bem como aos traumas vividos e relatados por elas, na sua busca por liberdade e autonomia, durante o período da Reconstrução; contexto do pós-Guerra Civil Americana. Para tanto, a nossa análise ancora-se em Estudos Culturais e Pós-Coloniais da Literatura, a exemplo de Caze (2015), Nickel (2009), Ribeiro (2017), Silva & Umbach (2013) e Viana (2008). Destaca-se, como principal resultado, a importância do *lugar de fala* na rememoração e reconto do passado, sobretudo da escravidão, para a melhor compreensão dos traumas e fatos históricos, bem como da própria humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: Trauma; Identidade; Memórias pós-coloniais; Literatura afro-americana; Estudos Culturais;

ABSTRACT

As a result of doctoral studies, this article, of a bibliographic, interpretative and qualitative nature, analyzes the presence and configuration of memory - whether individual or collective - as well as the representation of traumas and the processes of loss and (re) encounter of identity of former African-American slaves and their descendants, portrayed in the novel *Beloved* (1987), authored by the award-winning African-American novelist Toni Morrison. The analysis, now proposed, focuses on the study of the voices of the characters, especially the main ones, proceeding to an association of the referred elements – memory and identity – to the narratives, of testimonial nature, that link the past and the present of these characters, as well as the traumas experienced and reported by them, in their search for freedom and autonomy, during the period of Reconstruction; post-American Civil War context. To this end, our analysis is anchored in Cultural and Post-Colonial Studies of Literature, such as Caze (2015), Nickel (2009), Ribeiro (2017), Silva & Umbach (2013) and Viana (2008). The main result is the importance of the place of speech in the remembrance and retelling of the past, especially slavery, for a better understanding of the traumas and historical facts, as well as humanity itself.

KEYWORDS: Trauma; Identity; Post-colonial memories; African-American literature; Cultural Studies.

*

 jessicaamanda@ua.pt

 <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v9i2.1767>

1 *Beloved* e o lugar de fala do afro-americano

Conta um conto não quem quer, mas quem (...) tem o poder de contá-lo
(ACHUGAR apud NICKEL, 2009, p.13)

Baseado em fatos verídicos¹, *Beloved*² (2006), de Toni Morrison³, cuja primeira edição data de 1987, retrata a história da ex-escrava Sethe que, no presente da obra (ano de 1873), vive em contexto de Reconstrução⁴, após a Guerra Civil Americana⁵, em Cincinnati, estado de Ohio, com a sua sonhadora filha Denver.

O lar de Sethe, localizado à *Bluestone Road*, número 124, é assombrado pelo fantasma de sua filha mais velha, morta aos dois anos de idade pela própria mãe. O infanticídio acontecera cerca de oito anos atrás, quando, em meio à escravidão e à guerra, a fugida escrava foi – juntamente aos quatro filhos – encontrada por *Schoolteacher*⁶ (seu dono em *Sweet Home*⁷, estado de Kentucky).

Com receio de que suas crianças sofressem os mesmos abusos e sofrimentos a que era submetida enquanto escrava, sobretudo as violações – tema recorrente na narrativa – Sethe os golpeou, na tentativa de matá-los. Aos meninos, a escrava lançou golpes à cabeça; à filha mais velha, fez-lhe um corte de serra à garganta, levando-a à morte e, à mais nova, tentou jogá-la contra a parede, mas foi impedida em tempo.

Oito anos após fim da Guerra de Secessão e da escravidão, Sethe e Denver, apesar de ignoradas e subestimadas pela comunidade em que agora vivem, em razão do infanticídio e da

¹ O romance é inspirado na história real de uma ex-escrava, Margaret Garner, que fugiu de uma fazenda em Kentucky e, ao chegar a Ohio, assassinou a sua própria filha, ao ser encontrada por caçadores de escravos (SYLVESTRE, 2013).

² Primeiro livro de uma trilogia; antecede *Jazz* (1992) e *Paraíso* (1997).

³ Toni Morrison (nascida em 18 de fevereiro de 1931) é pseudônimo de Chloe Anthony Wofford, escritora e vencedora de diversos prêmios literários, sendo os de maior destaque o National Critics Award (1977), o Prêmio Pulitzer de Ficção (1988) e o Prêmio Nobel de Literatura (1993), pelo conjunto de sua obra.

⁴ A Reconstrução (1865-1877) foi o período de pós-Guerra Civil Americana, no qual os estados americanos retornaram gradualmente à unificação do país e iniciaram a integração dos ex-escravos à vida “cidadã”, a partir da criação de leis para os afro-americanos.

⁵ Também conhecida como Guerra de Secessão, a Guerra Civil Americana foi travada entre os anos de 1861 e 1865 e teve como principal motivo a questão da escravidão, quando oito estados escravagistas do Sul da América decidiram pela sua retirada da União americana e formaram os Estados Confederados da América, declarando guerra aos estados do norte do país.

⁶ “Professor” (tradução nossa).

⁷ “Doce Lar” (tradução nossa), fazenda onde fora escrava.

assombrada 124, levam uma vida simples e pacata, mantendo no passado todos os traumas vividos durante a escravidão.

Entretanto, a vida na 124 é abalada com a chegada do amigo e ex-escravo Paul D e, mais tarde, de Amada, a personificação do fantasma de sua filha assassinada, cuja presença e sede por histórias do passado trazem à tona memórias e traumas que a protagonista e Paul D decidiram esquecer.

Entre os séculos XVIII e XIX, período que abrange o desenrolar da narrativa da obra *Beloved*, houve, no norte da América, uma busca incessante pela construção de uma cultura e identidade nacionais que se centrava no sujeito branco. Essa busca acabou por silenciar as vozes das minorias que não atendiam à tal identidade, como é o exemplo dos negros, índios e mulheres. A historiografia literária norte-americana também acompanhou essa tendência, uma vez que legitimou o discurso nacional canônico e etnocêntrico que forjava a sua própria história nacional (NICKEL, 2009).

Nesse sentido, a história do norte da América fora contada por uma supremacia branca e letrada que, ao objetivar responder aos seus próprios interesses, tolheu, durante séculos, as versões das minorias oprimidas, uma vez que omitiu a sua existência, influência e relevância sócio-histórica-cultural.

Desta forma, a literatura das minorias, que viera a nascer entre as décadas de 1960 e 1970, com o surgimento dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, apresenta versões alternativas e conflituosas sobre os fatos resgatados pela memória nacional considerada *oficial*, que não somente retrata a violência sofrida por seu povo, mas também a crítica e denúncia (SILVA & UMBACH, 2013). É nesse contexto de reivindicação do *lugar de fala* (RIBEIRO, 2017) e da subjetividade negra que são publicadas obras de grande visibilidade mundial escritas por afro-americanos, como é o caso da premiada⁸ obra de Morrison⁹.

⁸ Vencedor dos seguintes prêmios: Pulitzer Prize for Fiction (1988), Anisfield-Wolf Book Award (1988), Robert F. Kennedy Memorial Book Award, Melcher Book Award, Lyndhurst Foundation Award e Elmer Holmes Bobst Award, *Beloved* foi ainda eleito o melhor romance dos últimos 25 anos pela New York Times.

⁹ Anteriores a Morrison, merecem menção honrosa as autobiografias de Frederick Douglass, *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave* (1845) e a de Harriet Jacobs, *Incidents in the life of a slave Girl* (1861), bem como o romance de Frances E. W. Harper, *Lola Leroy: or Shadows Amplified* (1893), que apesar de não conquistarem a visibilidade perseguida pelos Estudos Culturais e Pós-Coloniais à literatura minoritária, trouxeram contribuições do lugar de fala do homem negro, apresentando, a partir de fatos verídicos, as suas versões e denúncias sobre os abusos que sofreram os afro-americanos durante a escravidão e influenciando as obras posteriores.

É imprescindível ressaltar que o *lugar de fala* diz respeito não somente à oportunidade de proferir palavras, mas ao direito à existência. O falar significa também a possibilidade de refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes resultante da hierarquia social (RIBEIRO, 2017), isto é, significa o reconhecimento da legitimidade da fala do sujeito sobre si próprio e sobre todas as coisas a partir do seu lugar e conhecimento de mundo.

O livro em questão pode ser considerado metalinguístico porque, ao mesmo tempo em que traz à tona a importância da memória enquanto mecanismo necessário à superação do passado e à orientação para o futuro do homem negro, a própria obra, uma vez que se baseia em fatos reais e também históricos¹⁰, se constitui memória de toda uma raça oprimida. Sendo assim, a leitura do romance acaba por propor ao seu público leitor a ativação dessa memória, o confronto à escravidão enquanto um grande trauma histórico¹¹ – no contexto da Guerra Civil Americana (1861 - 1865) e também no contexto mundial, conhecido por todas as nações – bem como a orientação a um futuro de liberdade (que não deve ser confundida com libertação) e autonomia, não somente para a raça oprimida – a negra –, mas a toda a raça humana, que, como afirma a própria autora (1989)¹², não deseja recordar tais acontecimentos.

A *amnésia nacional* – internacional, em nossa leitura, porém mais forte no norte da América – da qual fala Morrison, existe. Todavia, em um movimento contrário a essa amnésia, *Beloved* “grita”, não somente pelo *lugar de fala* de sua autora e de sua raça, mas também pela importância da memória e do (re)encontro da identidade do homem negro consigo mesmo, face aos traumas a que fora submetido durante a escravidão, elementos esses a serem analisados nos tópicos seguintes deste artigo.

¹⁰ Importante destacar, na mesma medida, o trabalho criativo da autora com o seu elemento ficcional, indispensável à composição e, certamente, determinante para o sucesso da obra.

¹¹ E isso é representado no romance, quando a personagem Sethe confunde o homem branco que chega à sua casa com o Schoolteacher, revive a memória do infanticídio, mas, com a ajuda das mulheres vizinhas, acaba por perceber que a situação não está a se repetir e recobra a sua lucidez e autonomia, superando, por fim, o trauma.

¹² “É sobre algo que as personagens não desejam lembrar, eu não desejo lembrar, negros não desejam lembrar, brancos não desejam lembrar. Quero dizer, trata-se de uma amnésia nacional (MORRISON, 2006, p.120, tradução nossa)”

2 A relação passado versus futuro (ou Amada versus Paul D)

*To Sethe, the future was a matter of keeping the past at bay*¹³ (MORRISON, 2006, p.69)

Apesar de retratar temas disruptivos, como a escravidão e a Guerra Civil Americana, *Beloved* é uma obra de difícil linguagem, dotada de polissemias, metáforas, analogias e um tom, por vezes, poético (SALE, 1990). Em *black English*¹⁴, a história é contada na terceira pessoa por um narrador *heterodiegético* – aquele que não participa da trama como uma de suas personagens, mas a observa de seu exterior. No entanto, essa narrativa, organizada em três grandes capítulos, não é linear, uma vez que possui diversos momentos em *flashback*¹⁵, sustentados por uma tensão entre o passado e o futuro de seus personagens, especialmente de sua personagem principal – Sethe.

A tensão entre os tempos, que é o ponto de partida para a narrativa do romance, é despoletada pela chegada, à casa 124, da personagem de Paul D, também ex-escravo e amigo de Sethe, e, mais tarde, de Amada, a personificação do fantasma de sua filha assassinada.

Caze (2015) analisa a 124 como um *Não-Lugar*, esvaziado de passado, de memórias, de referências pessoais ou coletivas. Entretanto, é importante considerar que a casa de Sethe é descrita, pelo narrador de Morrison, em diferentes momentos do romance, nomeadamente no passado e no presente da protagonista. No passado, a casa é retratada como um lugar tranquilo, de luz vermelha à porta, de fartura, em que sempre há algo a cozinhar no fogo, habitado por vários escravos fugidos que convivem em harmonia. Tal descrição é simbólica e representa uma outra casa que existira em realidade: uma das casas da *Underground Railroad*¹⁶.

A 124 traz, ainda, uma sequência numérica que sugere a falta do número 3, correspondente ao terceiro filho de Sethe, a falecida Amada. Logo, a morada não deve ser

¹³ “Para Sethe, o futuro era uma questão de manter o passado à distância” (MORRISON, 2006, p.69, tradução nossa)

¹⁴ Ou *African-American Vernacular English*, é uma variação do inglês nativamente falado pela maioria dos afro-americanos. A variação possui recursos próprios de acento, gramática e vocabulário.

¹⁵ Ou *Analepse*, diz respeito a uma técnica narrativa de interrupção de uma sequência cronológica pela interpolação de eventos ocorridos anteriormente.

¹⁶ Rede de rotas clandestinas seguidas por escravos fugitivos, com a ajuda de abolicionistas (a exemplo da branca Amy Denver que auxilia Sethe em sua fuga), com a finalidade de chegar aos estados do norte do país ou ao Canadá, onde poderiam viver em liberdade. Para tanto, sem o auxílio de mapas, já que muitos eram proibidos de aprender a ler, se orientavam pela *North Star*.

associada a um lugar esgotado de passado, pois que é, na verdade, dotada de memórias e referências, inclusivamente verídicas.

Já o tempo presente da obra, em que vive Sethe, pode ser analisado como um *Não-Tempo*, uma vez que a personagem principal vive uma vida de marasmo, suspensa no tempo: não recorda o passado e nem os seus traumas e, por isso, não os supera, não se liberta, não avança ou progride em direção ao futuro.

Esse esvaziamento de referências relacionado às personagens e ao tempo é representado também no tratamento que a comunidade lhes dá, visto que são, Sethe e Denver, tratadas com indiferença, como se àquela comunidade não pertencessem ou nem mesmo existissem. Sendo assim, a população também mantém o passado distante da memória e todos evitam interações com mãe e filha, o que leva a crer que essas pessoas também não superaram os traumas da escravidão.

O fantasma da filha morta de Sethe, que assombra a sua casa, parece contentar-se com essa situação de exclusão e solidão em que vivem sua mãe e irmã. Entretanto, a chegada de Paul D, além de contrariar a vontade desse fantasma, incita a sua fúria:

– Maldição! Quieta! – gritava Paul D, a procurar um apoio. – Deixa a casa em paz! Saia já daqui! – Uma mesa veio a correr na sua direção e ele agarrou-a por uma perna. Com esforço, conseguiu ficar de pé e, segurando a mesa, começou a jogá-la contra os móveis, para todos os sítios, a quebrar tudo, gritando de volta para a casa, que também gritava. – Se queres brigar, vem! Maldição! Ela já tem o suficiente sem ti! Já tem o suficiente!
O terremoto repentinamente diminuiu para uma ou outra sacudida, mas Paul D não parou de bater com a mesa até estar tudo quieto como uma pedra. (MORRISON, 2006, p.27, tradução nossa)

Paul D não se deixa abalar pelos atos do fantasma, trava uma luta verbal e física com os objetos lançados pela força *macabra* que habita a casa e defende mãe e filha mais nova até que tudo esteja tranquilo outra vez. Paul D vence a luta, mas não a batalha. Mais tarde, a persistência do ex-escravo em permanecer na vida da protagonista faz com que o fantasma decida entrar na 124 não mais como uma assombração, mas em pessoa – de nome Amada¹⁷, com maior capacidade de fazer a mãe revisitar o passado:

¹⁷ Tal qual escrito na lápide da filha morta de Sethe, que vendeu o seu corpo ao entalhador para que tivesse direito a apenas cinco letras (ou sete, na versão em língua inglesa).

Amada aproveitava todas as oportunidades para fazer alguma pergunta engraçada e incentivar Sethe a continuar os seus relatos. Denver notara o quanto ela era ávida por ouvir Sethe falar. E agora notava algo mais. As perguntas de Amada eram: “Onde estão os teus diamantes?”, “A sua mulher, ela nunca arranjou-lhe o cabelo?”. E a que lhe causara mais perplexidade: “Conte-me sobre os teus brincos”. Como ela podia saber? (MORRISON, 2006, p.76-77, tradução nossa)

É certo afirmar que Paul D representa distração e futuro para Sethe, pois, além de enfrentar o fantasma que lhe assombra, propõe-lhe uma nova vida e uma nova família ao pedir-lhe que tenha um filho junto a ele. Já Amada, por sua vez, ao sentir sede e reivindicar histórias e lembranças, representa o passado traumático da mãe. É essa tensão entre os tempos e as personagens, relacionada à memória dos traumas vividos, que sustenta a narrativa do romance.

Há, na obra, uma série de situações em que Paul D desconfia de Amada, questionando-a sobre o seu passado e a sua chegada à casa. Essas duas personagens discutem em diversos momentos da narrativa, assim como brigam também o passado e o futuro no presente de Sethe. No entanto, como Paul D não tenciona abandonar a casa, mesmo com a presença de Amada, ela o provoca e os dois têm uma relação sexual, o que o faz afogar em um sentimento de culpa.

A narrativa não deixa claro ao leitor se a relação sexual existente entre as personagens foi efetivada em um encontro carnal ou incorpóreo, mas dá conta de que Amada leva Paul D à exaustão, desde a sua simples presença no mesmo ambiente até nas cobranças por histórias do passado ou ao provocá-lo sexualmente. A insaciável Amada, descrita pelo narrador de Morrison, remonta a um ser de superstição de origem africana: a súcuba, uma espécie de demônio que se alimenta da energia vital de homens durante o seu sono.

Diante da exaustão e do sentimento de culpa, somado, sobretudo, ao conhecimento do infanticídio cometido pela protagonista, Paul D desiste do futuro na 124 e vai embora. É a partir desse momento que Amada se vê livre para fazer com que a mãe mergulhe e revise mais profundamente as suas memórias e traumas.

3 Trauma, memória e identidade em *Beloved*

*Anything dead coming back to life hurts*¹⁸ (MORRISON, 2006, p 46)

As lembranças traumáticas da escravidão relatadas por Sethe podem ser consideradas experiências individuais, vividas pela própria personagem. Entretanto, paralelamente a essas experiências pessoais descritas, ela também relata o seu testemunho sobre as violências e injustiças sofridas por vários outros escravos, bem como as condições em que viviam durante a escravidão nas plantações de algodão do Sul dos Estados Unidos, referido como *Cotton Kingdom*, que se negava às tendências reformistas/ abolicionistas do Norte.

O romance surge, portanto, de um fato verídico, parte de uma experiência individual, mas logo ganha novas personagens e passa, durante o seu desenvolvimento, à descrição de experiências coletivas. Tal projeção confere à obra traços de uma literatura testemunhal, conceituada por Viana (2008, p.1) como uma literatura de “[...] narração da dor, ou seja, nasce de pessoas que buscam representar situações históricas determinadas, pelas quais elas ou outras pessoas passaram, tendo sido marcadas pela extrema violência”.

Para além de relatar um acontecimento histórico violento, a literatura testemunhal também “propõe a narração de um trauma como desejo de renascimento por parte de quem o testemunha” (CAZE, 2015, p.3). Em *Beloved*, destarte, o desejo de renascimento parte, em princípio, da personagem principal, mas representa o desejo de superação por parte de toda uma raça, pois a “memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho da memória individual e outro construído pela sociedade” (CAZE, 2015, p.3).

São fragmentos de memórias de um período de repressão – a escravidão –, em um fluxo não cronológico de tempo, que são narradas em *Beloved*. Um dos primeiros relatos de violência sofrida pela personagem principal durante esse período é a sua violação e, em seguida, tortura física por homens brancos, senhores de escravos de *Sweet Home*, enquanto esteve grávida de Denver:

Me seguraram no chão e tiraram meu leite. Conteí tudo para a senhora Garner. Aquele caroco não a deixava falar, mas as lágrimas escorreram por seu rosto. Os garotos descobriram que eu os denunciei. O professor fez um

¹⁸ “Tudo o que é morto dói ao voltar à vida” (tradução nossa).

deles abrir minhas costas e, quando a pele cicatrizou, tomou a forma de uma árvore. Ela continua aqui. – Usaram o açoite em você? – E tiraram meu leite! – Surraram você grávida? – E tiraram o meu leite! (MORRISON, 2006, p.25, tradução nossa)

O relato de Sethe é chocante, pois retrata a falta de empatia, a brutalidade e desumanidade com as quais os donos de escravos os tratavam; o abuso sexual que sofriam as mulheres, ainda que grávidas; a violência e a dor do açoite etc. Mas o que chama mais a atenção neste relato é a importância que a personagem confere ao fato de lhe terem roubado o leite da filhinha que a aguardava em Ohio – Amada –, sob os cuidados de sua sogra, Baby Suggs. A ênfase da violência recai na frase repetida *E tiraram o meu leite!*. Para Sethe, é evidente na passagem acima, tirarem-lhe a capacidade de amamentar a filha foi a pior humilhação e violência que pôde sofrer no momento de tortura. O ato dos homens brancos simboliza a privação da escrava de exercer a sua maternidade e a sua consciência sobre esse fato era o que lhe causara mais dor, uma dor emocional/psicológica.

É interessante analisar, nesta passagem do romance, o sentimento maternal da Sethe por Amada, enquanto se considera, ao mesmo tempo, que a personagem cometeu o infanticídio desta mesma filha, a quem ansiava amamentar. O ato traumático do infanticídio é justificado por Sethe, todavia, quando declara que tencionava “proteger” a criança dos abusos que ela própria sofria, fato que é confirmado por Barnett (1997) e Field (2010) em seus ensaios científicos, quando relacionam o crime a um simbólico ato de protesto de Sethe contra os estupros que sofriam as mulheres na escravidão. A personagem sabia a realidade que aguardava a filha em *Sweet Home* e, por isso, desejava resguardá-la em um local onde ninguém pudesse lhe fazer mal ou *sujá-la*, nas palavras de Sethe.

Segundo Barnett (1997), o crime significa, para Sethe, o primeiro passo à emancipação de seu próprio corpo, antes propriedade dos homens brancos, a quem respondia. Já Carneiro (2017), ao defender o ato da personagem, o compara a outro infanticídio narrado na obra *Medéia*¹⁹ e verifica que:

Sethe não mata para arrancar de si todas as marcas de um amor traído ou do isolamento de uma estrangeira que largou tudo e traiu o seu povo para a glória de Jasão. O ato de (...) Sethe, o infanticídio, é o resultado dos afetos

¹⁹ Tragédia grega de Eurípedes, datada de 431 a.C.

sociais gerados em um terreno onde não se aprendeu a amar (CARNEIRO, 2017, p.51).

Compartilhamos e acrescentamos à observação de Carneiro (2017) que, para as escravas de *Beloved* – e, certamente, para as escravas da vida real –, aprender a amar não lhes era uma opção. Em sentido contrário, desde cedo, lhes era ensinado que não podiam e nem deviam sentir afeto, uma vez que não eram donas de si mesmas e nem de seus filhos, companheiros ou outros semelhantes.

A tortura que sofreu Sethe ao ser violada e açoitada não é um acontecimento pontual no romance, assim como também não foi o da escrava Garner na vida real. Além do relato de Sethe, há vários outros de violência sexual e física descritos no decorrer da narrativa, como é o caso de sua própria mãe. Nam, também escrava, conta à Sethe, em passagem da obra, que ela mesma e a mãe da personagem principal foram diversas vezes violadas por homens da tripulação que as levava para o norte da América.

O trecho do romance refere-se ao comércio triangular de escravos no *Middle Passage*²⁰, em que países europeus traficavam africanos como escravos, em navios negreiros, para o continente americano, sobretudo para o Brasil e para os Estados Unidos. Os africanos eram sequestrados de suas famílias e traficados para outro continente, como mão de obra de americanos brancos.

Nam detalha, ainda, que a mãe de Sethe atirou ao mar os filhos – que dera à luz durante a viagem – dos homens brancos violadores e que só decidira criar a Sethe por ela ser fruto de uma relação com um homem negro, a quem amava. Outro caso de infanticídio é o da ex-escrava Ella que, ao gerar um filho indesejado de seu violador, antigo dono, deixa o bebê morrer, recusando-se amamentá-lo:

“Ela apanhara de todas as formas possíveis. Lembrou-se dos socos que lhe tinham quebrado os dentes inferiores, das cordas no tronco que haviam deixado grossas cicatrizes na sua cintura. Lembrou-se de que dera à luz a uma coisa branca e peluda, gerada pelo ‘mais vil de todos’. Aquilo vivera por cinco dias sem emitir um único gemido.” (MORRISON, 2006, p. 298, tradução nossa)

²⁰ *A passagem do meio*, em tradução livre.

Sethe, portanto, não fora a única a cometer infanticídio. A prática era comum e as circunstâncias que levavam as escravas a matar a sua prole eram diversas, desde livrar-se dos filhos indesejados, frutos de violadores brancos, à tentativa de proteção dos seus filhos negros, futuros escravos.

Outros abusos eram cometidos quando os donos de escravos ou capatazes propunham algo de interesse da mulher negra em troca de favores sexuais, trocas essas por diversas vezes não concedidas. As escravas, assim, viam-se em situações nas quais eram obrigadas a preterir sua dignidade, como ocorreu à sogra de Sethe, Baby Suggs, ao dormir com um capataz em troca da possibilidade de criar um de seus filhos:

Então os filhos de Baby eram de seis pais diferentes [...] Halle fora o que pôde conservar por mais tempo. Vinte anos. Uma vida. Algo que lhe fora concedido, sem dúvida, para compensar ter ouvido que suas duas meninas, que ainda nem haviam trocado os dentes, haviam sido vendidas e levadas, e ela nem pudera lhes fazer um aceno de despedida. Para compensar o fato de ter dormido com um capataz por quatro meses em troca da permissão para ficar com o terceiro filho – só para vê-lo ser trocado por madeira na primavera do ano seguinte e descobrir-se grávida do homem que lhe fizera uma promessa que não cumprira (MORRISON, 2006, p. 32-33, tradução nossa)

As escravas eram impedidas de exercer a maternidade quando desejavam, pois os seus rebentos lhes eram roubados, vendidos, dados de presente, levados como escravos para outras fazendas etc. Nas palavras de Baby Suggs, escravos – homens e mulheres – eram tratados como “peças de um jogo de damas”, servindo aos interesses dos homens brancos, donos de terras e de negros. Por esta razão, os escravos passavam a acreditar que o amor correspondia a um sentimento que não lhes podia pertencer ou que não lhes era de direito. Amar, lhes era proibido, como conclui, nesta passagem, o narrador de Morrison:

Aquela criança ela não pôde amar e as outras ela não deveria. “Deus tira o que quer”, ela disse. E Ele tirou, e Ele tirou, e Ele tirou e então deu-lhe Halle, que deu-lhe a liberdade quando esta já não lhe significava mais nada (MORRISON, 2006, p. 33, tradução nossa)

Mais adiante, Sethe também reflete sobre a diferença entre o amor materno em contexto de escravidão, enquanto escrava em *Sweet Home*, e em contexto de *liberdade*, enquanto

escrava fugida em Cincinnati. Ela demonstra consciência de que o amor de mãe não pode ser sentido em sua plenitude enquanto os seus filhos pertencerem a um dono, também seu:

Eu era grande, Paul D, e profunda e larga e quando esticava os braços, havia um espaço enorme para acolher as minhas crianças. Eu era assim tão larga. Parece que passei a amá-las mais depois de chegar aqui. Ou talvez não pudesse amá-las adequadamente em Kentucky, porque lá elas não eram minhas para que eu as amasse. (MORRISON, 2006, p. 188, tradução nossa).

Assim como Sethe, Paul D também tinha consciência dos riscos que corria uma mãe escrava ao amar o filho:

Arriscado, pensou Paul D, muito arriscado. Para uma mulher que era escrava, amar alguma coisa tanto assim era perigoso, especialmente se era a própria filha que ela havia decidido amar. A melhor coisa, ele sabia, era amar só um pouquinho; tudo, só um pouquinho, de modo que quando se arrepentasse, ou fosse jogado no saco, bem, talvez sobrasse um pouquinho para o próximo (MORRISON, 2006, p.57, tradução nossa).

É por amar a sua esposa Sethe e por vê-la sendo ferida, sexual e fisicamente, quando violada pelos homens brancos, que Halle perde a sua sanidade. Morrison ilustra, na passagem em que Paul D e Sethe conversam sobre o desaparecimento de Halle, o que era possível – e, decerto, provável – de acontecer aos negros em tempo de escravidão, quando esses se permitiam amar alguém que pertencia a outrem – o homem branco:

– No dia em que eu cheguei aqui contaste-me que eles roubaram o teu leite. Eu nunca soube o que causou aquele estrago nele. Então foi isso, acredito. Tudo o que eu sabia era que algo o havia arrasado. Nenhum daqueles anos de sábados, domingos e horas extras à noite o afetaram. Mas o que ele viu naquele celeiro quebrou-o como se fosse um graveto.
– Halle viu? – Sethe segurava os cotovelos, como para impedi-los de voar.
– Ele viu. Deve ter visto.
– Viu os rapazes fazerem aquilo comigo e os deixou a continuar respirar? Ele viu? Ele viu? Ele viu?
– Ei! Ei! Escute! Deixe-me contar-te uma coisa. Um homem não é um machado, que corta, lasca e estoura cada maldito minuto do dia. Coisas o atingem. Coisas que não pode cortar porque estão dentro dele. (MORRISON, 2006, p.83, tradução nossa)

Paul D também relata à Sethe que vira Halle com a cara completamente suja de manteiga e os dois afirmam que nunca mais o encontraram, denunciando o seu desaparecimento. A loucura e o posterior desaparecimento do marido da protagonista são bastante representativos no romance, pois aludem à perda de referências dessa personagem sobre si mesma e sobre o mundo, frente a uma situação de violência que se constitui, para ela, como um trauma irreversível, fazendo-a desaparecer. Podemos conceber a loucura de Halle como uma analogia à ausência de memórias históricas de toda a sua raça frente à escravidão. Essa ausência, pode levar ao que Caze (2015, p.6) denomina de “diluição da identidade”, pois, segundo ele, “é a memória, faculdade primeira, que alimenta a identidade. Memória e identidade, portanto, se agregam. É a memória, pode-se afirmar, que vem a fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo” (Caze, 2015, p.6).

Segundo Paul D, Halle sofrera uma série de outras violências – que não o afetaram tanto – até presenciar a tortura de sua companheira. A loucura foi, para Halle, uma soma de todos os anos de traumas vividos, sendo o estupro da sua amada o estopim para a perda da sanidade, uma vez que havia grande carga afetiva envolvida na interpretação daquilo que ele testemunhara.

A última frase dita por Paul D, no diálogo com Sethe, todavia, muito provavelmente remete ainda a ele próprio, já que a personagem também é vítima de diversas violências, inclusive de ordem sexual, descrita sutil e rapidamente pelo narrador:

Ajoelhando-se na névoa, esperaram o capricho de um guarda, ou dois ou três. Ou talvez todos eles quisessem. Quisesse de um prisioneiro em particular ou nenhum – ou todos.

– Café da manhã? Quer tomar café da manhã?

– Sim, senhor.

– Com fome, negrinho?"

– Sim, senhor.

– Toma lá!

Ocasionalmente, um homem ajoelhado escolhia um tiro em sua cabeça como o prêmio, talvez, de levar um pouco de prepúcio para Jesus. Paul D não sabia disso então. Ele estava olhando para as mãos paralisadas, sentindo o cheiro do guarda, ouvindo seus grunhidos suaves como faziam os pombos, quando ele estava diante do homem, ajoelhado na névoa à sua direita. Convencido de que era o próximo, Paul D vomitou – vomitando nada. Um guarda em observação esmagou seu ombro com o rifle e o ocupado decidiu pular o próximo homem, para não ter suas calças e sapatos sujos pelo vômito de um negro. (MORRISON, 2006, tradução nossa, p. 107).

Durante a narrativa, Paul D se vê constantemente constrangido diante dos interrogatórios de Amada. Ele demonstra grande frustração em ter que relembrar ou descrever eventos passados e fica cansado ao contá-los. Paul D é, portanto, outra personagem, além de Sethe, que busca o esquecimento de seus traumas e, para ele, o de sua violação é tão profundo que ele nem mesmo menciona o ocorrido a Sethe, ficando a cargo do narrador a descrição desse momento. Considerando que a violação do homem negro – especialmente em comparação aos depoimentos de abusos sexuais sofridos por mulheres negras – é assunto nada ou pouco tratado nos testemunhos sobre a escravidão, a exemplo das obras mencionadas neste artigo, o trecho narrado revela Morrison como a precursora do tema em narrativas sobre escravos.

A violência sexual, física e emocional; a impossibilidade de amar pais, filhos, companheiros e outros semelhantes; a condição miserável em que trabalhavam e viviam; o preconceito, a exclusão e o tratamento indigno; a desumanidade com a qual eram tratados os negros – como bichos, na imensa maioria dos casos – coadunam a um ponto comum: o enfraquecimento e até mesmo a dissolução de suas identidades no sentido individual e também coletivo. Isto porque, sem a emancipação de uma raça, não há representação²¹. Sem representação, não há memória. Sem memória não há identidade.

Amar não era possível aos escravos, mas se havia um direito que lhes era cedido era o do trabalho braçal. Entretanto, diante dessas condições de violência física, sexual e psicológica, só lhes restava o sonho da fuga das plantações de algodão em que serviam, rumo aos estados do Norte dos Estados Unidos ou ao Canadá. Assim, planeavam ultrapassar as fronteiras de estados vizinhos, seguindo a *North Star*²² e viver em comunidades formadas por outros negros fugidos. Foi esse sonho que motivou Sixo, amigo de Paul D, a planejar uma fuga junto a outros escravos de *Sweet Home*. Porém, o plano de Sixo falha e os negros são capturados, resultando-lhes em severas punições físicas. Como castigo pela tentativa de fuga, Paul D é, então, obrigado

²¹ *Representações sociais* são “sistema de valores, noções e práticas que proporcionam aos indivíduos os meios para orientar-se no contexto social e material, para dominá-lo... Um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens se integram em um grupo ou em uma relação cotidiana de intercâmbios, liberam os poderes da imaginação. (MOSCOVICI, 1978, p. 79)

²² *Estrela do Norte*, em tradução livre.

a usar o “freio²³” e a assistir à tortura e execução do próprio amigo Sixo, queimado vivo em uma fogueira e, depois, alvejado por seus algozes:

Finalmente, um deles atinge a cabeça de Sixo com a coronha e quando ele volta a si, uma fogueira está à sua frente e ele está amarrado pela cintura a uma árvore. O professor havia mudado de ideia: – Este aqui não vai servir para mais nada. [...] Seus pés estão assando; o tecido da calça fumeja [...] Eles o alvejam para silenciá-lo. (MORRISON, 2006, p. 261, tradução nossa)

As memórias de acontecimentos vividos por Sethe, Paul D, Baby Suggs e outras personagens secundárias da trama de Morrison dizem respeito a toda uma raça, pois, como afirma Baby Suggs, “não há uma casa no país que não seja recheada até o teto com a tristeza de algum negro morto” (MORRISON, 2006, p. 20, tradução nossa). Sethe confirma as palavras da sogra quando relata a Paul D a quantidade de negros conhecidos ou amigos que já vira decapitados ou pendurados em árvores na *Sweet Home*.

Em determinado momento da narrativa, ano de 1865, é decretado o fim da Guerra Civil Americana e, com ele, também o fim da escravidão. A Declaração de Emancipação, promulgada no ano de 1863 pelo então presidente dos Estados Unidos, Abrahan Lincoln, entrava em vigor pela primeira vez, após longas investidas do Movimento Abolicionista. Todavia, a liberdade dos negros ainda se encontrava muito longe de ser alcançada, uma vez que ainda eram vítimas de preconceito, exclusão e desigualdade, bem como de organizações racistas como a *Ku Klux Klan*, três movimentos extremistas de defesa à supremacia branca, que se consolidou em meados de 1880 e atacou diversos líderes afro-americanos na história americana. Esse quadro de discriminação aos negros é bem ilustrado nas linhas do *Beloved*:

Cidades inteiras “limpas” de negros; oitenta e sete linchamentos em um único ano em Kentucky; quatro escolas para negros totalmente queimadas; adultos a apanhar como crianças; crianças a apanhar como adultos; mulheres negras violadas por tripulações; propriedades roubadas; pescoços quebrados (MORRISON, 2006, p. 208, tradução nossa)

Nesse sentido, o conceito de *liberdade* não pode ser utilizado em lugar de *libertação*, isto é, os negros foram libertados da escravidão, mas estavam longe de serem livres, uma vez que

²³ Objeto que se colocava na boca no escravo de modo a silenciá-lo, mas que, por ser feito de ferro, machucava e fazia sangrar.

ainda precisavam lidar com as dificuldades impostas pelo ódio racial, pela segregação e pelas leis que demarcavam as desigualdades entre homens brancos e negros, levando muitos escravos à tortura e até mesmo à morte.

Ademais, o que significou a liberdade para esses escravos quando os seus filhos já haviam sido roubados, levados para longe, assassinados? O que significou a liberdade quando o direito de amar e ser amado lhes fora tolhido? Que identidade tinha o homem negro se a condição de escravo lhe feriu o estatuto de ser-humano? Logo, os traumas da escravidão não se encerram com o seu fim, pelo contrário, se perpetuam por longos anos, sobretudo para a raça negra, pois “just because you can not see the chains, does not means they are not there”²⁴.

A frase acima se confirma no romance, visto que após a sua libertação, Sethe enfrenta muitos problemas em prol de tornar-se livre e exercer a sua autonomia. Submersa em culpa, ao final da obra, Sethe é consumida pelos traumas que a faz *rememorar*²⁵ Amada. Entretanto, temendo pela sanidade de sua mãe, Denver – a única que não fora vítima de grandes traumas da escravidão – toma a atitude de enfrentar a comunidade em que vive, pede um emprego ao senhor Baldwin, homem branco, e recorre a outras mulheres negras, convencendo-as a rezar por sua mãe.

Denver, personagem quase que esquecida nas análises científicas do *Beloved*, é a que mais progride na obra em direção à real liberdade da pessoa negra, pois transcende à descrição que lhe é dada no início da narrativa, de menina inocente e fantasiosa, e torna-se uma mulher forte e independente. Caze (2015), sobre a personagem Sethe e sua autora, Morrison, analisa que:

Uma obra que se presta a retratar a cruel condição da mulher negra logo após a guerra civil norte-americana, tropeça no perfil de uma personagem que, por evitar lembranças do passado e, por conseguinte, a efetiva vivência memorialística, acaba fragilizando o discurso identitário tão caro à proposta primeira da escritora. (CAZE, 2015, p.6)

Se a personagem Sethe, para Caze (2015), contrasta em atitude com a figura de Morrison, pode-se dizer que Denver é da cor e do tom de sua criadora – em sentido figurado e

²⁴ “Só porque você não pode ver as correntes, não significa que elas não estejam lá” (tradução nossa). Frase incluída no roteiro do filme *Beloved* (1998), baseado na obra de Morrison.

²⁵ Neologismo utilizado pela própria personagem Sethe para indicar a revisitação de suas memórias traumáticas.

talvez literal –, visto que ambas ocupam, na obra e de fato, o seu *lugar de fala*, reivindicando o direito à existência e à autonomia negra, fazendo com que seus semelhantes rememorem os traumas passados e (re)encontrem a sua identidade.

Considerações finais

*To get to a place where you could love anything you choose – not to need permission for desire – well now, that was freedom*²⁶ (MORRISON, 2006, p.189)

Na mesma medida em que Amada atormenta Seth, fazendo-a rememorar traumas de seu passado, Morrison nos atormenta, enquanto leitores, com este romance baseado em fatos verídicos e históricos, fazendo-nos revisitar a tragédia global da escravidão e enfrentar os traumas deixados por ela, quer sejamos negros ou brancos. A obra sinaliza, através de suas metáforas, analogias e poeticidade, que a revisitação ao passado através da memória é, portanto, uma atividade necessária para compreendê-lo e compreendermo-nos enquanto raça humana.

Para as minorias, vítimas de grandes tragédias – a exemplo da raça negra, diante da escravidão – rememorar o passado, sobretudo através de uma literatura antes não legitimada pela historiografia literária, em respeito ao seus *lugares de fala*, é importante não somente para o registo da memória histórica desses grupos sociais, como também para a manutenção de uma representação que fortaleça o (re)encontro da identidade desses povos, seja essa identidade individual ou coletiva; para o exercício da empatia e para as suas reais emancipação e liberdade sociais.

²⁶ “Chegar a um lugar no qual você podia amar qualquer coisa que escolhesse – sem precisar de permissão para desejar – bem, ora, isso era liberdade” (tradução nossa)

Referências

- BARNETT, P. E. Figurations of Rape and Supernatural in *Beloved*. *PMLA*. New York, v 112, n 3, p. 418-427, 1997. Disponível em: https://chsenglishap4.weebly.com/uploads/2/2/5/7/2257880/the_figurations_of_rape_and_the_supernatural_in_beloved.pdf, acesso em 15/04/2020.
- CARNEIRO, S. R. G. A vingança como afeto social: Toni Morrison e *Beloved*. *Artefilosofia*. Ouro Preto, n 20, p. 51-61, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/449>, acesso em: 15/04/2020.
- CAZE, G. C. Sombras Severas: das lembranças traumáticas que (re)existem no romance *Amada* de Toni Morrison. *Revista Investigações*. Recife, v 28, n 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1345>, acesso em: 15/04/2020.
- FIELD, R. E. Tracing Rape: The Trauma of Slavery in Toni Morrison's *Beloved*. *Women Writing Rape: The Blog*, 2010. Disponível em: http://staff.kings.edu/robinfield/FWSA_Women_Wr_Rape_Conference_4.07.pdf, acesso em: 09/09/2018.
- MORRISON, T. *The Pain of Being Black*. Interview with Bonnie Ângelo. Times. 22 May, 1989.
- MORRISON, T. *Beloved*. New York: Everyman's Library, 2006.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da Psicanálise*. Trad. A. Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NICKEL, VIVIAN. *Corpo e memória em Beloved, de Toni Morrison*, 2009, p 1-38, (Tese de graduação em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?*. 1ª ed. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SALE, R. Toni Morrison's *Beloved*. In: BLOOM, H. *Toni Morrison*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 1990.
- SILVA, Í. M. & UMBACH R. K. Memórias da repressão: uma leitura de *Amada*, de Toni Morrison. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*, nº 21, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/9612/5745>, acesso em: 15/04/2020.
- SYLVESTRE, F. A. *Beloved*: a memória e a história resgatadas em uma narrativa de fantasma. *Miscelânea*, Assis, v. 13, p. 95 - 111, 2013. Disponível em: <http://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/256>, acesso em: 15/04/2020.
- VIANA, G. R. Narradores melancólicos: literatura testemunhal e a construção de uma memória. *Morpheus*. Rio de Janeiro, v 7, n 13, 2008. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4813>, acesso em: 15/04/2020.